

A PRÁTICA DA REESCRITA E A FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR E ESCRITOR¹¹

Elis Uchôa DE LIMA¹²

RESUMO

Este texto tem como objetivo apresentar como o trabalho desenvolvido pelo Projeto Ipê (PROIPÊ) tem colaborado para a formação de 280 alunos leitores e escritores que cursam o primeiro ano do Ensino Médio no Centro de Ensino Médio Ave Branca (CEMAB) em Taguatinga, Distrito Federal. O projeto, que faz parte do PIBID-Letras da Universidade de Brasília (parceria UnB e CAPES), tem como objetivo incentivar a prática da leitura e da escrita, mantendo o aluno sempre em contato com temas atuais e cotidianos por meio da elaboração gradativa de produções textuais. Para contemplar essa proposta, o grupo trabalha com o Jornal Escolar e, para completá-la, a reescrita. O aluno tem total liberdade para escolha do tema e vai sempre escrevendo e reescrevendo sua produção com orientação do professor, como aconselha Fiad (2009.) quando diz que a reescrita são “as sequências recuperáveis visando um texto terminal”. Assim, essa prática pode levar o aluno a se descobrir nas possibilidades da língua quando assume um papel de sujeito-escritor e sujeito-leitor, alternando sempre esses papéis para que passe a se preocupar mais em como o leitor verá seu texto, como defende Menegolo e Menegolo (2005). Após o processo, tem-se o produto final, que é a produção do jornal. Esses foram os meios encontrados para a construção da escrita e da reflexão, formando um aluno leitor, escritor e crítico de suas práticas e do mundo que o cerca.

PALAVRAS-CHAVE: Reescrita; escrita; Jornal Escolar; PIBID.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar como a metodologia de ensino de leitura e escrita que utiliza a reescrita é eficaz. Apresentaremos os resultados obtidos em uma sala de aula de Língua Portuguesa de escola pública (CEMAB), que fez o uso desse método junto ao PROIPÊ. Apresentaremos como o método contribuiu para a

11 Agradeço ao professor Dionei Moreira Gomes (UnB) pela leitura crítica deste texto e por suas contribuições. Entretanto, os erros que, por ventura, aqui se façam presentes são de minha inteira responsabilidade.

12 Dados da autora: graduanda do curso de licenciatura em letras PBSL da Universidade de Brasília e bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) financiado pela CAPES. elis_uchoa@hotmail.com. Elis Uchôa de Lima.

formação de alunos sujeitos-autores e sujeitos-leitores de seus próprios textos (Menegolo & Menegolo, 2005) e também mais críticos acerca do mundo em que se inserem e de sua própria escrita.

Na seção 1, apresenta-se o projeto do PIBID-Letras UnB intitulado PROIPÊ e seus resultados dentro de um contexto de sala de aula. Na seção 2, será apresentado o conceito de reescrita a partir da concepção de Fiad (2010) e outros autores que mostram a importância de se trabalhar a reescrita em contexto escolar. Logo após, mostra-se como a reescrita pode contribuir para a formação do sujeito-autor e como este sujeito pode ocupar posições diferentes enquanto lê, avalia e reescreve seu texto. Com esses dois primeiros momentos, pretende-se mostrar que a reescrita deve ter seu espaço ampliado dentro de sala de aula. Na seção 3, abordamos a metodologia do Jornal Escolar e, finalmente, chegamos às conclusões na seção 4.

O Projeto IPÊ (PROIPÊ) e o processo de reescrita

Sabemos que a finalidade da educação não é apenas formar trabalhadores, mas sim indivíduos completos, dotados de competências e habilidades mais amplas e profundas, capazes de aprender a aprender e convencidos da necessidade de aperfeiçoar continuamente seus conhecimentos. É preciso contribuir para a formação de indivíduos autônomos, com capacidade de adaptar-se a mudanças constantes e de enfrentar permanentemente novos desafios. A escola, por ser veículo e instrumento de aquisição do crescimento intelectual do educando, deve proporcionar meios para que tais veículos e instrumentos sejam utilizados da melhor maneira possível, já que contamos com auxílios de grande valia tanto da parte humana quanto da parte tecnológica. Para incentivar o desenvolvimento de leitura e escrita dos jovens na escola, o Projeto Ipê utiliza o Jornal Escolar e a reescrita.

Esse projeto faz parte do PIBID Letras Português da Universidade de Brasília. O PIBID visa incentivar a formação de docentes em nível superior para que estes atuem na educação básica, elevar a qualidade da educação de professores em formação inicial, articulando a relação entre as teorias e as práticas necessárias à formação dos docentes; visa também inserir o licenciando no cotidiano de escolas da rede pública de ensino proporcionando oportunidades dos futuros professores terem experiências

metodológicas, tecnológicas e práticas docentes inovadoras e interdisciplinares para que eles possam solucionar possíveis problemas que apareçam durante o processo de ensino-aprendizagem; e, assim, o programa pretende, também, contribuir para a valorização do magistério.

O grupo é composto por Ana Azevêdo, Brenda Paula, Jordana Felipe, Nayane Fernandes, Karina Fernandes e por mim, Elis Uchôa. A supervisora do grupo é a profa. Ana Codevila, que dá aula para sete turmas do primeiro ano do Ensino Médio no Centro de Ensino Médio Ave Branca (CEMAB). Os coordenadores do projeto são os professores da Universidade de Brasília Dionei M. Gomes e Kleber A. da Silva. Ocupamos a sala de aula da escola e podemos transitar por todos os demais espaços, convivendo com toda a comunidade escolar e, assim, ter uma verdadeira experiência com o funcionamento de uma escola.

O Projeto Ipê cria condições para que 280 jovens (entre 14 e 18 anos) do Centro de Ensino Médio Ave Branca- Taguatinga –DF, sejam capacitados como colaboradores e coautores do Jornal CEMAB, contando com apoio e o trabalho das PIBIDIANAS e da professora Ana Cristina Codevila. Esse projeto atende jovens matriculados no CEMAB, no 1º Ano do Ensino Médio diretamente e indiretamente, todos os demais estudantes da escola.

Com vistas a manter o interesse do aluno na leitura e produção textual, o Projeto visa a não perder contato com temas atuais. É importante manter o foco no momento histórico no qual o aluno vive, mantendo um diálogo permanente entre os textos produzidos, de diferentes gêneros discursivos, com leituras, produções textuais e procurando integrar as várias áreas do conhecimento do aluno. Para isso, o grupo desenvolveu iniciativas com o objetivo de não só reforçar a aquisição da norma culta da língua, mas também para construir uma postura crítica e reflexiva de leitor/escritor em seus participantes.

Para cumprir estes objetivos, o grupo utiliza o jornal escolar, que é totalmente produzido pelos alunos. Essa foi a forma encontrada para promover a interatividade, além de ser uma maneira diferente de produzir textos. Os alunos têm total liberdade para escolher os textos com que vão trabalhar a fim de que o jornal seja um reflexo dos anseios seus e traga conteúdos que interessem à comunidade escolar. A partir disso, os alunos produzem suas próprias notícias e informações; com o conjunto de notícias, são lançados jornais semestrais.

Cabe destacar que o jornal só é concluído após diversas versões de escrita e reescrita dos textos. Está última, segundo Fiad (2009), refere-se principalmente ao conjunto de modificações escriturais pelas quais diversos estados do texto constituem as sequências recuperáveis, visando um texto terminal. Para isso, deixamos claro aos alunos que as correções são feitas não apenas para que os alunos revisem seus textos para aprimorar não só os desvios da norma culta, mas para que eles também recriem e refaçam o seu texto.

Com essa prática, buscamos desenvolver nos estudantes uma modificação das representações sobre a escrita, atingir o sujeito linguístico¹³, posicionamento e pensamento críticos e, com alguma orientação, melhorar sensivelmente as produções escritas.

A reescrita e o ambiente escolar

Segundo Fiad (2010), a reescrita possui várias interpretações, mas ela destaca duas. A primeira concebe a reescrita como o trabalho que é realizado pelo autor quando ele retoma o seu texto e realiza algumas operações da linguagem e modifica-o em vários aspectos possíveis. A segunda interpretação é a de sempre que escrevemos algo estamos retomando algo que outros já enunciaram, ou seja, escrever é sempre reescrever.

Como a autora, escolhemos a primeira concepção, pois é ela que vai dizer que a reescrita “pode ser caracterizada como alguma manifestação presente na superfície textual [...] que revela uma retomada do texto pelo autor” (Fiad, 2010:3). É justamente essa concepção que vai trabalhar com o sujeito que não só escreve, mas que também lê e interage com o próprio texto, variando os seus papéis.

É também com esta concepção que trabalhamos no Centro de Ensino Médio Ave Branca, pois vemos os alunos não como corpos que escrevem, mas como sujeitos-autores e sujeitos-leitores críticos que interagem com o próprio texto.

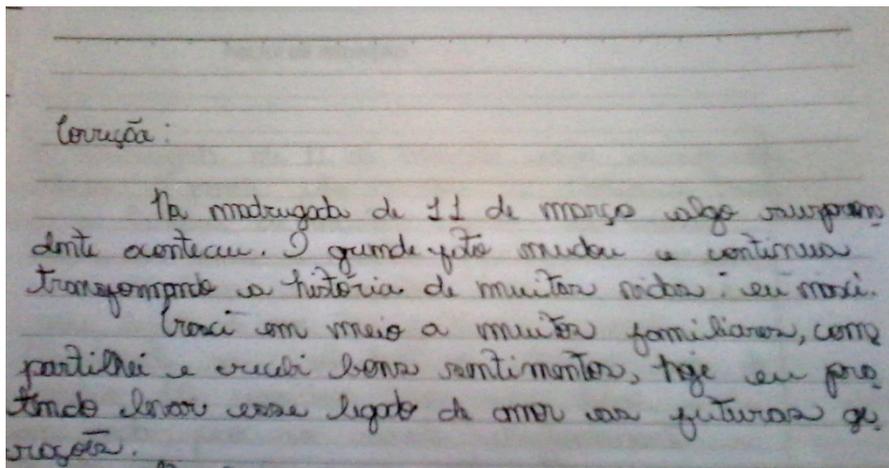
Segundo Menegolo e Menegolo (2005), a reescrita é importante por provocar um diálogo entre o sujeito-autor com o seu produto (o texto), fazendo que o primeiro interaja mais com o segundo, construindo uma relação de resignificação do que foi

13 Menegolo e Menegolo “O significado da reescrita de textos na escola: a (re) construção do sujeito-autor”. *Ciências & Cognição* Vol 04: 73-79. Disponível em: <http://www.cienciaecognicao.org> Acesso em: 23/07/2015.

escrito e das suas concepções de escrita e, aos poucos, passando para um estágio maior de racionalização do que foi materializado.

Eles ainda dizem que esse processo de sujeito-autor para sujeito-avaliador é complexo, já que construir o primeiro já é algo complicado e nele o aluno espera que o professor seja o avaliador, não ele. Sendo assim, apresentar os dois papéis para os alunos do projeto em que atuo junto a mais cinco bolsistas e uma supervisora de Língua Portuguesa, que é a professora das turmas contempladas pelo projeto, é um trabalho árduo feito com muito carinho e cuidado para que os alunos compreendam a importância deles passarem por todo o processo de reescrita assumindo os papéis que o compreendem.

Um exemplo disso é o que ocorreu em uma reescrita de um dos alunos do projeto, que colocou em sua folha de reescrita de um texto que produziu “correção” como título. Isso exemplifica o que o autor diz, pois o aluno vê processo de reescrita apenas como uma correção do que o professor assinalou como errado.



1. Reescrita do aluno intitulada “Correção”

O trabalho com a reescrita em sala de aula ainda é muito importante, pois vai ajudar o aluno a compreender que um texto sempre poderá ser modificado. Ele ainda poderá compreender os gêneros textuais e suas regras com sua constante reescritura. A noção de gêneros textuais de que falo neste trabalho é a de Koch&Elias (2012): gêneros são “formas relativamente estáveis de estruturação de um todo”, este todo seria o texto, a concretização do gênero (expectativa). As autoras ainda defendem que os gêneros são moldados e remodelados nos processos sociointeracionais em cada cultura, já que eles têm uma função social (sociocomunicativo) e por isso também são infinitos (Sparano,

2012). Por causa dessa função social, é importante que os alunos reescrevam os seus textos e compreendam suas regras, afinal também exercem seu papel social na sociedade em que vivem e necessitam de se comunicarem.

Este trabalho com a reescrita pode ainda auxiliar o professor acerca das maiores dificuldades dos alunos para que ele possa retomar os conteúdos a que se referem estas dificuldades (coesão, coerência, uso da vírgula, entre outros). Assim, o aluno poderia apreender algo que já foi passado em sala e não teria ficado muito claro anteriormente para aplicar agora na reescrita do texto e nos próximos textos que ele irá fazer.

Adiantar conteúdos, sejam eles sobre os aspectos gramaticais (vírgula, crase, sintaxe), textuais (coesão, coerência, etc.), e até mesmo sobre a estrutura textual (de acordo com o tipo de texto, como por exemplo a narração, que exige alguns elementos para configurar-se como tal), adaptando-os as necessidades dos alunos. Por exemplo, se os alunos estão com muita dificuldade no emprego da vírgula e este será um conteúdo a ser apresentado em sala mais a frente, o professor poderia adiantá-lo para atender a esta necessidade dos alunos.

Metodologia do Jornal e a Reescrita

Ao pensar o projeto, nós queríamos algo que trabalhasse a produção de texto de uma maneira que atraísse os alunos e se tornasse algo prazeroso para eles a fim de que desenvolvam a leitura e a escrita.

Ao pesquisarmos sites sobre jornal escolar, encontramos o *site* Jornal Escolar, que junto as suas parcerias auxiliam toda a produção do jornal, desde o material didático e conteúdo (sugestões) até a diagramação e impressão do jornal. Esta é feita com um preço mais acessível devido às parcerias do *site* com instituições.

Pensamos então em realizar um jornal impresso semestral e um jornal mural, que ocorrera apenas no primeiro bimestre, em que começamos o trabalho com os alunos. Para começarmos os trabalhos com as turmas dividimos os alunos em cinco grupos para trabalharem os cadernos do jornal e fazer um sorteio das colunas, que são: notícia (se restringe à escola, comunidade e estado), atualidades (se restringe ao Brasil e mundo), cultura, esportes e carta ao leitor. Logo após, apresentamos o que é um jornal, explicamos as suas partes e os cadernos que cada um escreverá e apresentamos os

gêneros discursivos que poderão ser trabalhados para a realização do jornal. Dentre os gêneros, temos a paráfrase, a resenha, notícias e a reportagem, nesta ordem, além dos que se referem a cada um dos cadernos do jornal.

Depois, os alunos começam a escrever os textos que vão para o jornal no decorrer do bimestre. As produções podem ser em grupos, duplas ou individuais, dependendo do planejamento da aula. E a reescritura, que poderá ocorrer duas ou mais vezes, se necessário, ocorre logo após a correção das pibidianas. A importância da reescrita e o que é reescrever um texto também são conceitos explicados e enfatizados pelas professoras.

O trabalho com leitura está vinculado à produção de textos escritos. Sendo assim, criar-se-ão condições para que o aluno se descubra nas várias possibilidades da língua e goste de reescrever, percebendo que o exercício da escrita é interminável e pode ser algo muito agradável.

Quando as reescritas já foram feitas, os alunos têm uma aula de como formatar um trabalho de acordo com as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), para que eles conheçam como devem preparar seus trabalhos acadêmicos. Depois que entregam as versões digitadas, as pibidianas se reúnem para uma reunião de pauta para ver as produções que vão para o jornal, uma decisão difícil de tomar. Finalmente, depois das escolhas, o jornal é formatado e enviado para o site que faz uma última formatação para o jornal ser impresso e entregue aos alunos e à comunidade escolar.

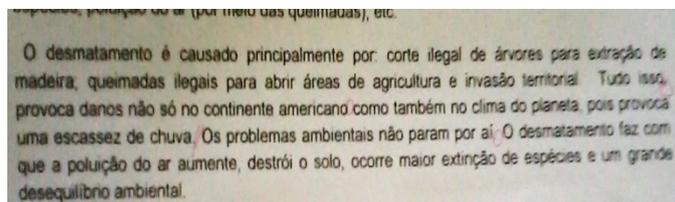
Resultados obtidos

Nem todos os passos ocorreram como planejado e foram adaptados, mas nada que impedisse seguir com as atividades previstas. Um dos imprevistos foi os murais que, ao invés de ser nos murais que ficam nas paredes das escolas, foram colocados na área verde e pendurados com banners reutilizados nos galhos das árvores, como as flores dos Ipês, símbolo do projeto. Isso mostra que mesmo imprevistos podem ser bons, pois reutilizamos materiais que iriam ser jogados fora e aproveitamos um espaço da escola por onde os alunos passam com frequência, e todos puderam ver os murais. Outros imprevistos que ocorrem foram dias letivos que não tiveram aulas por motivos

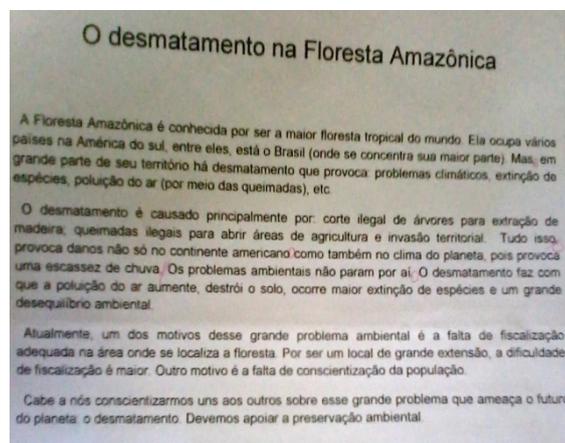
externos ao projeto e que prejudicaram algumas aulas. Contudo, todos os processos foram realizados por todas as turmas, mesmo que adaptados.

Seguindo com os bimestres, foram realizadas aulas expositivas e teóricas sobre os gêneros presentes num jornal, sempre realizando, em conjunto, atividades práticas, ora em grupo, ora individual, para que houvesse tanto uma boa interação entre os alunos, como o aperfeiçoamento de seus processos de produção. Em geral, contamos com a participação da maioria dos alunos, mas também enfrentamos certa resistência a um trabalho diversificado e professoras jovens e ainda em formação, mas nada que pudesse afetar negativamente o andamento do projeto.

As primeiras produções tinham conteúdo, mas apresentavam algum desleixo, ausência de criticidade e muitos problemas gramaticais. A partir da identificação das principais dificuldades dos alunos, preparamos algumas aulas dinâmicas, abordando esses pontos, de forma a acessar os alunos de forma mais tranquila, o que funcionou. Percebemos, com isso, uma melhora progressiva e significativa nas redações dos alunos, o que nos incentivou ainda mais a buscar identificar, não só por meio da escrita, mas da reescrita, as maiores dificuldades dos alunos em relação à escrita, desde a gramática até a coerência e coesão, por exemplo.



2. Primeira versão da notícia de um aluno do Projeto Ipê ampliado



3. Primeira versão da notícia acima

Percebemos que o trabalho com a reescrita já estava funcionando, pois depois do primeiro trabalho com a reescrita, as produções seguintes já apresentaram uma melhora tanto na postura dos alunos em relação à importância da produção textual e da escrita, quanto no seu papel de sujeito-autor sujeito-leitor e sujeito-avaliador de seu texto.

O último bimestre foi surpreendente, pois nos deparamos com produções mais maduras e mais estruturadas, com muito mais conteúdo e visão crítica, mostrando que a reescrita estava funcionando. O tempo para produzirmos o jornal impresso era curto, e mesmo assim os alunos participaram ativamente e se empenharam para que os prazos fossem cumpridos. Pode parecer pouco tempo para notarmos tantas melhorias no desenvolvimento dos alunos, mas acreditamos que o trabalho em equipe, com comprometimento e seriedade, e com o trabalho da reescrita, podem render ótimos frutos, como nosso Jornal CEMAB Proipê, impresso e com ótimas produções sobre a escola, seus professores e muitas outras notícias de interesse geral.



7. Capa JORNAL CEMAB PROIPÊ Produzido em 2014 pelos alunos da escola

Considerações finais

Com tudo o que foi dito aqui neste artigo, podemos ver a importância da reescrita dentro do ambiente escolar e principalmente na sala de aula Língua Portuguesa, pois assim como os alunos do Centro de Ensino Ave Branca tiveram a oportunidade de aprimorar os seus sujeitos-autores, leitores e avaliadores, vários outros

jovens podem sim usufruir dos benefícios da reescrita no ambiente escolar, basta que o professor apresente este método a ele.

A reescrita é um processo gradual que possibilita que os jovens consigam se ver como sujeitos-autores de seu próprio texto e mais: sujeitos que leem e interagem com os próprios textos. E este resultado foi claramente visto no processo de elaboração do jornal mural e do jornal impresso realizado pelos alunos que participam do projeto, que além de desenvolverem as habilidades citadas acima, conseguiram tornarem-se sujeitos mais críticos acerca de sua própria escrita e dos outros textos que leem.

Também se pode perceber que apesar de o processo de reescrita ser complexo, como dizem Menegolo e Menegolo (2005), ele é um processo possível se o professor souber auxiliar e incentivar os alunos durante o mesmo, e também mostrando a importância da reescrita no processo do aprendizado dos seus alunos.

Então, se os educadores se tornarem conscientes da importância da reescrita em suas salas de aulas, estas ficarão repletas de alunos com uma postura em relação à produção textual cada vez mais madura e assim todo o processo de ensino-aprendizagem ficará mais rico e produtivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bakhtin, M. 1997. *Estética da criação verbal*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes.

Fiad, Raquel Saleck. 2009. Reescrita de textos: uma prática social e escolar. *Organom*, Porto Alegre, n.46, janeiro – junho, p.147-159.

_____. 2006. *Escrever é reescrever: caderno do professor*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG.

_____. 2010. A pesquisa sobre reescrita de textos. In: SIMELP I, 2010. Universidade de Évora. *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*, n. 1, pg XX.

Koch, I.V. & Elias, V. M. E. 2012. *Ler e escrever: Estratégias de produção textual*. 2. Ed. São Paulo: Contexto.

Menegassi, Renilson José. 2001. Da revisão a reescrita: operações linguísticas sugeridas e atendidas na construção do texto. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 49-68.

Menegolo, E. D. da C. W. & Menegolo, L. W. 2005. O significado da reescrita de textos na escola: a (re) construção do sujeito-autor. *Ciência&Cognição*, Rio de Janeiro, v. 4, ano 2, pg. 73-79.

Sparano, M. et al. 2012. Gêneros textuais: estrutura e sentido. In: _____. (Orgs.). *Gêneros textuais: construindo sentidos e planejando a escrita*. São Paulo: Terracota.